

As ilustres peripécias de sua Santidade

Cancão de fogo no céu

Ordep José Trindade Serra

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SERRA, OJT. *O Encantamento de sua santidade*: canção de fogo [online]. Salvador: EDUFBA, 2006. 114 p. ISBN 85-232-0424-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

As ilustres peripécias de sua Santidade
Cancão de fogo no céu



*(reveladas por ele mesmo
a um poeta cachoeirano
através de sete garrafas)*

Prólogo



Saúdo o Divino Amor
Que no céu é soberano.
Por sua graça direi
Em verso cachoeirano
Como é que Cancão de Fogo
Passou para outro plano.

A história bem começada
Compactamente acabo.
Já noutra cordel narrei
O lance do santo brabo
Que ao fim do mundo chegou
Amontado no diabo.

Seguindo a prosopopéia
Tremenda que iniciei
Do grande Cancão de Fogo
Já muito me aproximei.
Com suas próprias palavras
Seus feitos descreverei:



I [Fala Cancão]

No limbo da barra azul
Peguei a estrada direta
Subindo rapidamente
Nos ares feito uma seta
Graças à amável carona
De um belíssimo cometa

Assim que o bicho passou
Por mim, naquela amplidão,
Saltei-lhe no lindo corpo
Com toda a disposição
(Sempre curti montaria
De cabeleira e rabão).

Passando perto da lua
Vi, num galope ligeiro,
Seguido por jacaré
Com ventas de fogareiro
Um garanhão a levar
Fortíssimo Cavaleiro

Mais longe, vi uma rês
— Aparição estrelada —
Pela cintura do mundo
Trotando relampejada
Gritei:
“Bom dia, São Jorge!
Tá indo pr’a vaquejada?”

O santo disse:

“Que peça

Me vem do mundo rasteiro!

Saiba que guardo poderes

Eternos de Cavaleiro.

Deixei o altar da lua...

Mas não para ser vaqueiro!

“A profissão é honrada,

Não vejo nisso desdouro...

Porém, nos campos agrestes,

Não penso em cuidar de touro

Nem quero mudar a roupa

Trocando ferro por couro.

“O Papa de lá da terra

Negou minha consagração

Tirou-me do calendário

Dos santos de devoção;

Na eternidade, contudo

Não muda minha condição.

“Deixei a capela branca

— A minha antiga morada —

Pois vivo melhor sozinho

Do que em companhia errada.

Com americano chegando

A lua tá esculhambada!

Eu busco um astro no céu
Onde em sossego morar
Com grutas para o dragão
Fazer seu pito e fumar
Recuperando suas forças
Depois de a gente brigar.”

Eu respondi: “Ó meu santo
Eu sempre o venerarei!
Não perde sua majestade
Quem claramente foi rei!
De coração, um conselho
Aceite que lhe darei:

“O seu dragão está velho
Já não agüenta maltrato...
Pegue esse ferro comprido
Que é perigoso de fato
E atoché no cu do Papa
Que lhe cassou seu mandato!”

São Jorge disse:”É preciso
Decência e moderação!
Falar assim com um santo
É falta de educação.
Mas vá em paz! Reconheço
Que é boa sua sugestão.”

Acelerou-se o cometa
De um modo fenomenal:
Tanto, que logo me vi
No lombo desse animal
Erguido à faixa formosa
Da cinta zodiacal.

O que eu vivi no pedaço
Daqui a pouco direi
Segundo o rito da pinga
Que em vida já pratiquei
Com boca de poesia
Contando tudo que sei



II

Em astro vertiginoso
No céu imenso voando
Eu fiz a curva do tempo
A mundos claros chegando
De uma beleza serena
Que sempre estou recordando.

Eu tinha muito desejo
De campear nesse espaço
Em busca do boi estrelado
Que vi trotar no compasso
Da música das esferas
— E de o pegar com meu laço.

Mas longe dele saltei,
Numa baía estrelada.
Foi onde vi criatura
Estranha de misturada:
Bode com rabo de peixe
E cara desaforada

Tem muito bicho esquisito
Que pelos astros passeia
... Na terra nunca vi disso...
... E quem quiser que me creia:
Lá na maré do infinito
Um bode faz de sereia!

O bicho me olhou de um jeito
Que abalou minha fé
E quase me põe em fuga.
... Mas antes de dar no pé
Nas suas ventas cheguei
A caixa de meu rapé.

Foi tanto espirro cabral
Que todo o mundo abalou.
Atrás da curva do sol
Nos astros se levantou
A ventania tremenda
Que pelo céu me atirou.

Voando, bati nas costas
De formidável gigante
Que um pote d'água inclinava
Entre seus braços possantes
Eu me assustei com a visão
Do brucutu faiscante

O camarada exclamou:
“Quem é esse temerário
Que aqui me fez derramar
Mais água que o necessário?”
Eu retruquei: “Vou buscar
Uns peixes pra seu aquário!”

E logo saí nadando
Na vastidão sideral.
Num instante cheguei à praia
Do mundo zodiacal
Nas ondas de luz deixando
Parelha de bacalhaus.

Não tinha anzol nem caniço
Tarrafa nem rede alguma
Deixei morrer a promessa
Nas luminosas espumas
Que o aguadeiro gigante
Sumira-se já na bruma.

Notei que em casal de peixes
Também se encontra capricho
Peguei no rabo da fêmea
O macho deu-me um esguicho
Vinguei-me chegando á margem:
Mijei na boca do bicho.

Ainda bem que eu já tinha
Passado para a campina...
O peixe do céu tem mesmo
Sangue na guelra ferina:
De um pulo quase me arranca
A distinção masculina.

Corri pelo campo astral
Que parecia uma ilha
Tremendo de apavorado
Fechei a minha braguilha
Quase que as moças da terra
Perdiam sua maravilha.

Com pouco me apareceu
Nuvem de lã flutuando
Com chifres em caracol
Olhos de estrela brilhando
Admirei-me de ver
Carneiro no céu brincando

Imagem de luz macia
Com graça de passarinho...
Era tão lindo o animal
Que provocou meu carinho
Peguei a faca depressa
Para esfolar o bichinho

Minha intenção era essa
Que francamente não nego
Tocou-me grande ambição
(Na hora, deixou-me cego)
Queria fazer bonito
Usando aquele pelego.

As aparências enganam...
De recordá-lo não canso;
Engano meu foi achar
Que aquele bicho era manso
Me fez passar da medida
Num rapidíssimo avanço:

Fugindo ao pai-de-chiqueiro
Corri até que cansei
E então terrível marrada
No meu traseiro levei
Por cima do boi estrelo
Léguas e léguas voei.

Por um azar esquisito
Meu plano se desmanchou
O laço que eu empunhava
Em cima da rês tombou
Os chifres dela cercando
A corda lá se ficou

O touro, com aquele trem
Tomou um susto retado
Pendeu-lhe na cara a trança
Deixou o bicho irritado
A sacudir a cabeça
Com bufos de condenado

Já eu, por um longo tempo
Cortando o celeste espaço
Na travessia do escuro
Do mundo não via traço
Por fim, caí numa rede
Na praia dos dois mabaços.

Um deles falou pro outro
“Que meteoro esquisito!
Tem pouca velocidade
Não faz um fogo bonito
É acanhado e miúdo
Parece mais um mosquito!”

O outro lhe respondeu
“Aqui não se guarda lixo!
Vamos jogar adiante
Essa porqueira de bicho
A fim de ver se depois
Viaja com mais capricho!”

Sentindo o novo perigo
Na minha grande aventura
Eu procurei me safar
Com sabedoria pura
Joguei entre os dois garotos
Um taco de rapadura.

Bateu-lhes a gulodice
Que puxa o assanhamento
Com os dois disputando o doce
Eu pude tomar alento
Saltei da rede e parti
Saboreando o momento.

Deixei os gêmeos pegados
Num grande turundumdum
Tratei de ganhar depressa
A bela estrada incomum.
Mais adiante topei
Com um puta de um guaiamum.

O bicho veio pra mim
Naquele passo de banda
Eu o imitei caminhando
Do jeito como ele anda
Mas para o lado contrário
Em formação de ciranda

Cantei um samba de roda
Ficamos nós a dançar
E eu alargando o raio
Tratava de me afastar
Senão as terríveis pinças
Podiam me espedaçar

Foi boa minha estratégia
E devo-lhe a salvação
Mas logo um maior perigo
Mostrou-se a meu coração
Naquela dança eu entrei
Bem no quintal do leão

Desesperado da vida
Corri de volta pro brejo
Embora de modo algum
Fosse meu grande desejo
Tornar para a contradança
No baile do caranguejo.

Na certa, salvou-me a sorte
Com a graça do meu destino
Pois o leão é valente
Destemeroso e ferino
Mas nesse dia mostrou
Que não é bom dançarino

Na gana de me pegar
Com nada mais se importou
No território do outro
Rugindo ele penetrou
E o guaiamum, arretado,
A sua cauda pinçou.

Urrando de horrendo jeito
O rei da raiva dourada
Saltava feito um maluco
Fazia uma presepada
Atrás de seu próprio rabo
Em roda desabalada.

Depressa pus-me a correr
E muitas léguas trilhei
Até que à imagem serena
De linda moça cheguei.
De forma bem educada
A criatura saudei.

Com sua voz luminosa
Assim me falou lá ela:
“Quem é você? E que faz
Junto de minhas estrelas?
Varão aqui não penetra
Sou uma pura donzela!”

Eu respondi: “Deus te dê
Amor, ó donzela pura!
Que bem merece carinho
Quem goza de formosura.
A virgindade é tristonha
Porém este mal tem cura!”

“Escute, porque lhe falo
Com meu sentimento à vista
No mal que há muito lhe aflige
Eu sou especialista
E a fim de lhe dar remédio
Trilhei esta imensa pista!”

A moça desconfiada
Foi logo me replicando:
“Você há de ter errado...
Caminhos andou trocando.
A minha saúde é boa
Não sei de que está falando!”

Eu retruquei-lhe: “Não deixe
Que a natureza se inflame!
Se perde a oportunidade,
Mais tarde talvez reclame!
Quem quer a boa saúde
Carece fazer exame!”

“Ouça o que diz o doutor:
Tire sua roupa, mocinha!
Encabulada não fique
Pois não estará sozinha...
Pra que não sinta vergonha
Também tirarei a minha.”

Mirando-se em meu exemplo
A moça tomou coragem
Em pouco tempo passamos
Do exame para a massagem
E desta pra um tratamento
Completo de sacanagem.

Eu quero usar de franqueza
Na história que hoje lhe conto:
Gastamos um tempo enorme
No amoroso confronto;
Depois de muitos embates
Fui eu que entreguei os pontos.

Pedi arreglo pra moça
Porque já não agüentava
Que quanto mais se fazia
Mais a danada animava
De tanto amor e folia
Por pouco não me matava

Por fim eu lhe supliquei:
“Minha querida senhora
Vamos parar o brinquedo
Que eu tenho de ir-me embora!
Como se sabe, visita
De médico não demora...”

Mas ela me respondeu:
“Que é isso, caro doutor?
Acho-me ainda carente
Da medicina de amor!
Pretende deixar-me agora
Que eu esquentei o motor?!”

Gemi: “Um intervalozinho
Não vai lhe matar de tédio...
O esforço que tenho feito
Passou dez vezes do médio.
Pra dar-lhe mais alegria
Preciso buscar remédio!”

Por fim, ela concordou
E me ajudou de verdade
Pra que eu partisse e voltasse
Com boa velocidade
Deu-me barquinha de estrelas
E velas de claridade.

Eu naveguei pelo céu
Com a máxima confiança
Que a barca era mesmo boa
Formosa como a esperança
Levou-me com rapidez
Ao pé de grande balança

Com um desacerto pequeno
Causei um problema chato
Parei de uma forma brusca
Ergui-me de imediato
Em movimento importuno
Dei com a cabeça num prato

O mundo na mesma hora
Ficou desequilibrado
Futuro saltou pra trás
Caiu na frente o passado
O vento virou do avesso
O fogo soprou molhado

Passei terríveis momentos
Vi coisas de arrepiar
Com a claridade sombria
No vácuo a se embaraçar
Até que o prato de prata
Cessasse de balançar.

Tonto, saindo daí,
Passei a outra região
Onde o terror tem morada
Ao pé da desolação
Habita esta zona irada
Horível escorpião

Aproximou-se o lacrau
Destruidor de alegria;
Com a peçonha no rabo
Grande ameaça fazia.
Confesso, amigo, que quase
Meu ânimo esmorecia

Mas tive uma inspiração
Divina que me valeu:
Joguei-lhe perto um espelho
— E veja o que sucedeu —
Com a ferroadada do bicho
A sua imagem morreu.

Rapidamente fugi.
Cheguei sem maior abalo
A um pasto onde mora um tipo
Que a outro nenhum igualo:
Vive montado em si mesmo
— É cavaleiro e cavalo.

Temível, ameaçou
Mudar meu itinerário.
E pode crer, amizade,
— Só minto se necessário —
Senti um certo receio
Das setas do Sagitário.

Deteve-me na fronteira
Aquele feroz sujeito
A distender o seu arco
Mirando bem no meu peito
E me exigiu que dali
Desse o recado direito

Eu lhe falei: “Caro amigo,
Boa intenção é a minha!
Por caridade aqui venho
Montado nessa barquinha
Pedir-lhe que vá prestar
Socorro a sua vizinha”.

O tipo me retrucou
Num golpe de voz ferina
“Qual é o mal que padece
Aquele moço divina?
Se alguém ofendeu a Virgem
Terá tristíssima sina!

“Responda! De que é que sofre
Essa donzela inocente?
O que lhe deu nas estrelas
E a torna assim padecente?”
Eu disse: “Não sei ao certo...
Parece muito carente.”

O arqueiro mostrou-se logo
Com o caso preocupado
Pra visitar a colega
Já não se fez de rogado
Partiu num belo galope
De passos acelerados.

Falei baixinho: “Vai fundo
E tira-me do sufoco!
A vossa lua de mel
Há de ser coisa de louco!
Mas cuide-se bem, pai d’ égua...
Cavalo, pra ela, é pouco!”

Entrei de novo na barca
Voltei à navegação
Buscando novas estrelas
Por pura vadiação
Mas adiante cercou-me
Um poderoso esquadrão

A minha aventura extrema
Ganhava o maior alcance...
Mas tenha calma, leitor
Que vou lhe contar o lance
Chegando à terceira parte
Deste celeste romance

III

Recomeçava no céu
A minha navegação
Quando cercou-me voando
De anjos um batalhão
E o sargento lá deles
Me fez esta saudação:

“Ó vagabundo vivente
Espécie de bagunceiro!
Salte da barca e se entregue
Obedecendo ligeiro
Pois nós não admitimos
Negaças de presepeiro!”

O seu convite aceitei
E a escolta arcangelical
Que bem depressa levou-me
Ao glorioso portal
Onde São Pedro preside
A lúcido tribunal.

O arcanjo me apresentou:
“Este mané miserento
Há pouco nós detivemos
Na volta do firmamento
Onde fez muita desordem
Num passeio turbulento.

“O celeste Capricórnio
De espirrar quase matou
A vasilha do Aguadeiro
Por pouco ele não quebrou
Irados deixou os Peixes
Com um jato que atingiu.

“O Carneiro provocou
Pôs o Touro furioso
E os Gêmeos engalfinhados
Num tendepá horroroso
Pôs Caranguejo e Leão
Num círculo vicioso.

“Motivou inusitado
Escândalo nas estrelas.
Tremendo cabra da peste!
Veneno das coisas belas!
Por culpa do descarado
Virgem não é mais donzela!

“Esse malandro pirado
Não usa de temperança:
Desequilibrou o mundo
Do tempo mudou a dança
Com um golpe que provocou
A agitação da Balança.

Fez desatinos sem conta
Em cada constelação
No zôo do céu zoou
Com grande esculhambação
A ponto de envenenar
O pobre do Escorpião.

“Causar confusão eterna
Parece que é sua meta...
Fez Sagitário largar
O arco, e perder a seta.
Apaixonado, o centauro
É hoje besta completa.”

São Pedro fez: “O que penso
Direi com sinceridade
Acho que o cabra é um maluco
De certa capacidade.
Se a sua doideira é grande
Não vejo nele maldade.

“Se pôs a espirrar um bode
E um bacalhau perfumado
Quebrou o pote de um lerdo
Botou um leão zangado
Irando touro e carneiro
Não vejo grande pecado.

“Segundo meu pensamento
Tudo que fez é bobagem
Que mexe com a fantasia
Tem jeito de molecagem.
Com isso não perco tempo
Nem cuido de vadiagem.

“Defloramento de moça
Pra mim não é maravilha.
Se consentiu no brinquedo
A bela mulher que brilha
Não tenho nada com o caso:
Não sou fiscal de braguilha!”

O anjo lhe retrucou:
“Mas temos reclamação
Do povo da astrologia
Que quase perde a razão
Não tem horóscopo certo
Gerou-se uma confusão.

“No pessoal de Carneiro
Perdeu-se toda a esperança
Vive marrando e berrando
Com medo, nunca descansa
Aos cabeçudos agora
Só o chifre dá segurança.

O Capricórnio também
Está num caos horroso
Com todos se encabritando
Do modo mais furioso
A espirrar e peidar
Monte de corno nervoso.

O povo de Touro até
A sombra que vê ataca
Só aquieta tomando ferro
E quando não toma, empaca
Os homens vivem bufando
As donas passam de vacas.

Aquário só dá maluco
Que vive num triste assanho
Raça de hippie caduco
Bestas de todo tamanho
Que contraditoriamente
Não querem saber de banho.

A condição piorou
Do povo de Sagitário
Que nunca acerta no alvo
Tem o juízo precário;
É tudo cavalgada
Imenso bando de otários.

O pessoal de Balança
Ficou desequilibrado
Não fala coisa com coisa
Tá sempre do lado errado
Metade é lelé da cuca
Metade é avariado.

O povo de Caranguejo
Está que não se conserta
Pra trás procurando avanço
Com a inteligência deserta
Só acham contentamento
Dançando de roda aberta.

Tristeza medonha causa
O pessoal de Leão
Que agora só dá covarde
Só prolifera cagão
Preguiça tem mais coragem
Ameba tem mais tesão.

“Hoje, as pessoas de Gêmeos
Não têm, nem merecem fé:
Com a cabeça trocada
Com o pensamento no pé
Brigando consigo mesmos
Não sabe nenhum quem é.

“Não há miséria que o povo
De Escorpião não mereça
Tem suicida, assassino
Desatinados à beça
Nos outros, que são tarados,
O rabo sobe à cabeça.



“Os Peixes vivem no nada
Com expressão de afogados
Não gostam de beber água
De pinga vivem molhados
Quando não tomam cachaça
No mínimo estão drogados.

“O povo da antiga Virgem
Está como quer o diabo
Tão grande é a safadeza
Que muito me deixa brabo:
Seja mulher, seja homem
Só pensam em dar o rabo!”

São Pedro lhe retrucou:
“Arre, mas quanta agonia!
Eu pouco estou me lixando
Pra coisas de astrologia.
Horóscopos não consulto.
Bobo é quem nisto se fia!

Não quero deitar sentença
No homem que aqui me trouxe.
Não posso julgar um vivo
Como se morto ele fosse.
É fora de minha alçada.
Nossa sessão acabou-se!”

O arcanjo falou então:
“Com toda a sinceridade
O santo me escabreou...
Mas ele fala a verdade.
O jeito é levar o preso
Ao tribunal da Trindade.”

Escorreguei ao entrar
Na grande Casa sagrada.
Deus Pai coçou o bigode
O Filho deu uma risada.
Eu me voltei pra Deus Mãe
Que é uma Senhora educada.

Por fim Ela proclamou
Em belos tons soberanos:
“Este bichinho da terra
Cobriu-se de erros e enganos
Mas puro é ainda nele
O espírito que sopramos.”

Com o hálito Seu divino
Meu corpo se incendiou
A minha forma terrena
Em fogo se dissipou
Uma alegria profunda
A alma me renovou.

E disse-me Deus: “Terás
Nova existência vadia
Na condição de encantado
Na forma da poesia
Fazendo graças e dando
Combate à hipocrisia.”

Na terra devo buscar
Cumprindo eterna missão
Poetas em que hospedar
Meu gozo e minha paixão
Contente trago pra eles
O fogo da criação.”

Assim me falou o belo
E extravagante animal
Com chamas de bom perfume
— Delírio mais que real —
No meu juízo luzindo
Sua aparição musical.

Bendigo a bela visita!
Sua acolhida garanto.
Sou muito grato a Cancão
Pois gozo do seu encanto
— E sempre que tomo pinga
Derramo um pouco pro santo.



